

**O PODER DA PALAVRA:  
A RESISTÊNCIA COMO FORMA IMANENTE DA ESCRITA**

*Luziane Patrício Siqueira Rodrigues (UFF)*  
[luzianepatricio@yahoo.com.br](mailto:luzianepatricio@yahoo.com.br)

**RESUMO**

A partir do conceito de resistência proposto por Alfredo Bosi, em “Literatura e resistência”, o presente trabalho se propõe a analisar a resistência como forma imanente da escrita e o poder da palavra presente em três obras voltadas para o público infantojuvenil: *Era mais uma vez outra vez*, de Gláucia Lewick, *Os olhos de Ana Marta*, de Alice Vieira e *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato.

**Palavras chaves:** Resistência. Literatura. Palavra.

**1. Introdução**

“No princípio era o verbo.” A primeira frase da gênese do mundo, como narra a Bíblia, revela-nos para além das discussões que envolvem a teoria criacionista, o poder criador da palavra. “Que haja...” e eis que tudo se fez. Tal poder pode associar-se ao mesmo demonstrado na criação de Nárnia, que assim como na narrativa bíblica ocorre por meio da palavra. Os seres viventes surgem enquanto, Aslan, o leão, canta e, por fim, declara: “– Nárnia, Nárnia, desperte! Ame! Pense! Fale! Que as árvores caminhem! Que os animais falem! Que as águas sejam divinas!” (LEWIS, 2009, p. 64)

A literatura nasce com raízes bem fixadas no fantástico. O homem primitivo a fim de explicar os fenômenos naturais os quais não entendia, criava fabulações na maioria das vezes maravilhosas para dar conta de suas inquietudes. Por meio da palavra, novos mundos continuam sendo descortinados. Autores e contadores de histórias orais utilizam-se do ato criativo para trazerem à tona reinos distantes, países imaginários e personagens que, por vezes, habitam em nosso imaginário. A criança desde cedo se sente atraída pelo maravilhoso. Por meio da linguagem, o concreto se torna abstrato.

No entanto, a palavra não apresenta somente o poder criador, mas podemos observar que algumas vezes instaura-se como resistência, principalmente na criação de personagens.

Durante muito tempo, as produções voltadas para crianças basea-

vam-se em narrativas maravilhosas, geralmente, textos para adultos que eram adaptados, nos quais predominavam os valores morais e pedagógicos. Durante muito tempo, tais valores sobrepuseram-se aos valores estéticos das obras literárias. No Brasil, Monteiro Lobato é um dos grandes responsáveis por romper com essas barreiras que impediam crescimento e valorização da literatura para crianças. Porém, depois de Monteiro Lobato, os anos seguintes foram marcados por certa falta de criatividade por parte dos autores que escreviam para crianças.

A partir da década de 70, percebe-se a tendência de algumas obras apresentarem-se como resistentes em relação aos valores dominantes da época. Durante a ditadura militar, percebia-se que autores como Chico Buarque e Ana Maria Machado utilizavam-se da palavra para denunciar o sistema vigente no país, porém, vale destacar que tais autores não abriram mão do valor estético em suas obras literárias.

A decisão por trabalhar com os livros selecionados para análise ocorreu pelo fato de tais obras apresentarem exemplos do poder da palavra, além de personagens que não obedecem à ordem vigente, ou seja, são construídos sob o signo da resistência, apresentando, através da linguagem utilizada pelos autores, a tensão interna que as tornam resistentes enquanto escrita.

## **2. A resistência e literatura**

“Resistir é opor a própria força a força alheia.” Segundo Alfredo Bosi, a resistência é um conceito originalmente ético, sendo possível uma transposição do sentido ético para o estético na narrativa, através da figura do narrador, ao explorar seus valores no tema.

O autor chama-nos a atenção para o fato de que o homem age buscando uma mudança segundo seus valores éticos, baseando-se na dura realidade. Por meio das palavras, o romancista é capaz de desenvolver sua resistência aos antivalores do meio, principalmente por meio do narrador, conforme afirma Alfredo Bosi:

A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador cria, segundo o seu desejo, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes. Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do eu aos valores e antivalores do seu meio. (BOSI, 2002, 121)

Alguns esperam que a literatura seja uma representação fiel da realidade, porém, a literatura é descompromissada. Segundo Georges Bataille (1989, p. 9), “a literatura é o essencial ou não é nada”. Não oferece respostas, não é partidária, é arte, e como tal, utilizando-se da criatividade do autor, cria outra realidade possível. Consoante Tzvetan Todorov, “a realidade que a literatura aspira compreender é a experiência humana.” (TODOROV, 2009, p. 77).

Apesar de seu caráter descompromissado, a literatura pode muito. Ela nos aproxima através da experiência de outros seres humanos, pois, é uma técnica de revelação de mundo, que em seu percurso pode transformar seus leitores.

### **3. *A chave do tamanho: narrativa de resistência e mal-estar***

Alfredo Bosi define a escrita resistente como decorrente de “um sentimento do bem e do mal, uma intuição do verdadeiro e do falso, que já se pôs em tensão com o estilo e mentalidade dominantes”. (BOSI, 2002, p. 130). Ao optar por uma escrita resistente, o escritor, através das técnicas da narrativa, apresenta-nos essa tensão da representação da realidade e demonstra sua resistência aos antivalores. Como exemplo de tal tensão, destaca-se *A chave do tamanho*, de Monteiro Lobato.

Na trama, Dona Benta encontra-se triste com os rumos da Guerra Mundial, buscando um meio de acabar com o derramamento de sangue. Emília vai até o fim do mundo, a fim de desligar a chave da guerra, mas, por engano, mexe na chave do tamanho, condenando toda humanidade ao “apequenamento”.

*A chave do tamanho* é baseada na poética do mal-estar, que é uma condição humana. Através da arte, neste caso, a literatura, o jovem leitor encontra bases para conviver com o mal-estar. Monteiro Lobato constrói magistralmente este cenário, através de sua escrita, pois, percebe-se no decorrer da leitura, que, após a redução repentina de tamanho da humanidade, ocorre a morte em cadeia de centenas de seres humanos, asfixiados em suas roupas, assim como estava ocorrendo na guerra, contudo, Emília está convencida de que tomou a atitude correta.

– Pensa então que do dia para a noite essa enorme população humana, que você apequenou e está nos maiores apuros, vai ter tempo de adaptar-se? Morre tudo antes disso, como peixe fora d’água – e adeus *homo sapiens*.

– *Homo sapiens* duma figa! Morrem muitos, bem sei. Morrem milhões,

mas basta que fique um casal de Adão e Eva para que tudo recomece. O mundo já estava muito cheio de gente. A verdadeira causa da guerra estava nisso – gente demais, como Dona Benta vivia dizendo. O que eu fiz foi uma limpeza. Aliviei o mundo. A vida agora vai começar mais interessante. Acabaram-se os canhões, e tanques, e pólvoras, e bombas incendiárias. (LOBATO, 1987, p. 44)

Na linguagem utilizada por Monteiro Lobato, as palavras ganham um sentido produtivo, trazendo para a ficção as duras mazelas do real, através da figura de Emília, corroborando o que Alfredo Bosi alega em relação à escrita resistente: “todo esforço da escrita se voltará para conquistar a liberdade da expressão”. (BOSI, 2002, p. 122), pois, o autor, com as características de um bom contador de histórias, cria uma realidade ficcional diferente da apresentada no real, aproximando a linguagem do enigma, como bem faz a criança demiúrgica que responde aos enigmas com respostas especulares.

Chega um momento em que a tensão eu/mundo se exprime mediante uma perspectiva crítica, imanente à escrita, o que torna o romance não mais uma variante literária da rotina social, mas o seu avesso; [...] A escrita da resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é” é quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida. (BOSI, 2002, p. 130).

A escrita da resistência, que tem como cerne essa tensão eu/mundo, baseia-se no princípio esperança, voltada para o futuro. Haroldo de Campos afirma que “a esperança pragmática permite entrever no futuro a realização adiada no presente”. Vale destacar que tais narrativas não fantasiam para o jovem leitor que a vida seja um mar de rosas, como percebemos em *A chave do tamanho*, na qual estão presentes temas como morte e guerra, mostrando ao jovem leitor a vida como ela é, com seus problemas e limitações, mas que há uma esperança de no futuro reverter a situação em que se está.

#### **4. Era mais uma vez outra vez: escrita da sátira e da paródia**

Atualmente tem sido cada vez mais frequente, na literatura contemporânea, a apropriação de recursos arcaicos para a elaboração de algo novo. A obra de Gláucia Lewick é um forte exemplo.

A história trata-se de um livro de contos de fadas, que há anos estava na prateleira de uma biblioteca sem ser lido, quando uma criança o escolhe, o narrador fica empolgado com a história que se repetirá, porém,

as personagens haviam mudado, depois de tanto tempo; e não desejavam mais seguir os parâmetros propostos pelo autor. No meio de tanta confusão, uma nova história acaba sendo encenada com a autoria das personagens e da própria leitora.

A trama pode ser definida como uma paródia dos clássicos da tradição, na verdade seria uma paródia dos elementos da narrativa, visto que há os elementos típicos dos contos de fadas, contudo, o discurso não é o mesmo da tradição. A resistência da sátira e da paródia citada por Alfredo Bosi enquadra-se na obra, pois, a paródia “é sempre inauguradora de um novo paradigma. De avanço em avanço, ela constrói a evolução de um discurso, de uma linguagem, sintagmaticamente”. (SANT’ANNA, 2003, p. 28)

[...] sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. Nem a colagem nem a alusão e, muitos menos, a paródia. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o reinventa. (CARVALHAL, 2006, p. 54-55)

Na construção da narrativa, a autora utiliza as “personagens típos”, porém, tais personagens reaparecem sob uma perspectiva crítica, pois não desejam desempenhar funções sociais, em contrapartida, recusam-se a seguir os paradigmas impostos a eles pela tradição e desejam renovação. Pode-se afirmar que são personagens construídas sob o signo da resistência, podendo ser interpretadas como homens e mulheres do mundo moderno, com suas tensões, conflitos e vontades próprias, conforme se percebe no fragmento abaixo, na fala do narrador: “Comecei a perceber que por mais que eu quisesse contar a mesma história, o tempo havia passado e os personagens tinham mudado. Ainda será possível contá-la? Eu não estava seguro.” (LEWICK, 2007, p. 29)

Gláucia Lewick rompe inicialmente em sua escrita, a visão do narrador onisciente, uma vez que a figura do narrador é a mais descentrada durante toda a narrativa. Ele acostumara-se a dominar a situação narrada, mas, a partir do momento em que as personagens resolvem rebelar-se contra suas naturezas, é questionada a soberania do narrador em relação ao conhecimento da narrativa.

Deixei o castelo de Anascar danado da vida com a prepotência do antigo Dragão das Sete Asas. Como ele ousava insinuar que eu não sabia de nada? O narrador sabe de tudo! Sempre. Ele tem ligação direta com o autor! Além disso, o que um reles dragão sabia que eu não poderia saber? (LEWICK, 2007, p. 49)

Com o narrador desestruturado, incapaz de “arrumar a história”, a autora traz para o centro de sua narrativa a leitora, que se transforma em personagem e desvenda o grande enigma. “ – Você é tão poderosa quanto o autor. Um leitor pode fazer o que quiser. Nós não somos nada sem você.” (LEWICK, 2007, p. 88)

Nesse processo de construção da escrita, pode-se afirmar que Glaucia Lewick mostra uma resistência contra a literatura forjadora de estereótipos e utiliza-se de outra tendência da narrativa contemporânea, a metalinguagem. A obra apresenta-se “consciente de que a escrita é um jogo criador e estimulador das potencialidades do pequeno leitor” (COELHO, 200, p. 162). A linguagem utilizada pela autora leva o leitor a interagir com a história. Um exemplo é o enigma proposto pelo dragão ao príncipe, que é desvendado pela leitora brincado com as palavras, pois bastava somente inverter as ordens das letras para desvendar o nome do príncipe Nascara, o qual estava enfeitado, transformado em dragão.

Em suma, a obra de Glaucia Lewick, além de romper com estereótipos das histórias tradicionais, revela-nos o poder libertador da palavra, pois, nos contos tradicionais, as maldições são quebradas por um beijo de amor verdadeiro. Nesse caso, o príncipe encontrava-se preso em uma maldição que somente seria quebrada quando alguém proferisse o seu nome, além do mais, não foi a princesa que o libertou, e sim, a leitora.

##### **5. *Os olhos da Ana Marta e o poder emancipador da palavra***

A última obra analisada é um belo exemplo de resistência como forma imanente da escrita e do poder libertador da palavra. Alice Vieira, com sua escrita poética e envolvente, apresenta-nos a história de Marta, uma jovem, que desde a infância sofre com o desprezo da mãe, que parece não a reconhecer como filha, além disso, ela sente como se a casa onde mora tivessem olhos que a vigiassem o tempo todo.

*Os olhos de Ana Marta* é um exemplo de obra que apresenta o poder emancipador da palavra, pois será por meio dela, que a protagonista irá reconhecer-se como pessoa e libertará sua família do jugo de um segredo cruel.

A primeira frase do livro já instiga o leitor a prosseguir com a narrativa. “Trocaram-me de mãe no hospital.” (VIEIRA, 1990, p. 7) Assim como, *A chave do tamanho*, o escrito de Alice Vieira baseia-se na poética do mal-estar. Através do foco da jovem Marta, o leitor compartilha com a

protagonista o abandono e a falta de amor que a família a submete, desde seu nascimento.

Na verdade, a obra é um desabafo de Marta, pois, após descobrir o “grande segredo”, decide escrever para a irmã, contando-lhe tudo que viveu, por viver à sombra de sua vida, contudo, essa informação só é fornecida ao leitor no fim do livro. Consoante Alfredo Bosi:

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que era o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância, e desse ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia de intuições. (BOSI, 2002, p. 134)

Após essa grande descoberta, Marta percebe-se como indivíduo, única, oposta à sua irmã e busca construir sua identidade. Há uma maturação da menina, que já se descreve como mulher. A narrativa inicia-se desse ponto, a descoberta da menina a leva a escrever para sua irmã, Ana Marta, tudo que passou, como a sua família tinha medo das palavras, a ponto de a mãe nem mesmo chegar a chamar a filha pelo nome. A libertação do jugo familiar começa quando a menina em um ato de coragem busca romper o silêncio da mãe:

– Flávia, olha para mim! Diz o meu nome. Tu nunca disseste o meu nome. Vamos abrir as portas todas destes quartos, lá dentro só há poeiras e móveis velhos, mais nada! Não tenhas medo. Não vais ter dores de cabeça, não vais enlouquecer nunca, as crises não vão voltar, tenho a certeza. (VIEIRA, 1990, p. 153)

Nesse processo de libertação pela palavra, a figura central na narrativa é da Leonor, a cozinheira da família, que havia criado além da Marta, seu pai e sua irmã. Leonor representa o elo com a cultura popular, cheia de ladainhas e cantigas que alegravam a pequena menina. Um exemplo a ser citado, é a ladainha que tinham que repetir três vezes, como um pacto para que não revelassem a ninguém sobre algum segredo, com a pena de morte, caso quebrassem o juramento. Na casa de Marta, não se podia falar na “Outra Pessoa” e “Na grande fatalidade.”

Eu caia no chão  
negra de carvão  
não conheça irmão  
nem tenha perdão  
para sempre proscrita  
Santa Benedita  
Me veja aflita

três vezes maldita  
três vezes maldita  
Três vezes maldita. (VIEIRA, 1990, p. 102)

Leonor é a grande responsável por alegrar a vida da menina e revelar-lhe o segredo que escravizava toda a família. Agora a menina sabia o motivo do medo das palavras, as portas fechadas, os silêncios e sussurros. Ela havia sido gerada para substituir a irmã morta, mas agora, tinha consciência de quem era.

Por que é de ti finalmente, que se trata. Do teu nome finalmente pronunciado. Tenho a sensação de ter percorrido as Sete Partidas do Mundo até chegar no teu nome. De te ter sempre procurado, inconscientemente, pelo meio das febres, das ladainhas, dos quartos fechados à chave, das sextas-feiras com as espanholas, das conversas com Lumena. Nesta parte do mundo te encontro finalmente. E te dou nome: Ana Marta. E te chamo: minha Irmã. (VIEIRA, 1990, p. 133)

A escrita resistente também consiste em resgatar os discursos do passado, mas também atua no silêncio, no monólogo narrativo, no diálogo dramático, como, muitas vezes, percebe-se em *Os olhos de Ana Marta*. No último capítulo, quando não há mais segredos, Marta entra no quarto de sua mãe e demonstra ter vontade de conversar com ela, mas, por um momento, opta pelo silêncio, com medo das palavras. “De repente sinto que lhe quero dizer muita coisa, mas que ainda não consigo, ainda não sei usar bem as palavras porque, de todos os medos, é o medo das palavras que leva mais tempo a passar.” (VIEIRA, 1990, p. 153)

## **6. Conclusão**

Podemos perceber, a partir das análises das obras, que a palavra exerce um grande poder. Com ela denunciemos, criamos, recriamos, libertamos, mas também aprisionamos, como constatamos na obra de Alice Vieira. “O medo das palavras é que leva mais tempo a passar.” Citação da personagem Marta.

A produção contemporânea para crianças e jovens está cada vez mais percebendo que a literatura juvenil não é um gênero menor, investindo em temas atuais e que mexem com a sensibilidade do jovem leitor.

Não creio que deva ser fácil escrever sob o signo da resistência, porém, a partir dessas breves análises, pudemos perceber que esses autores souberam magistralmente, por meio da escrita, tratar de temas tão instigantes, que certamente agradam a adultos e crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Porto Alegre: LPM, 1989.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.
- CAMPOS, Haroldo de. Poesia e modernidade: da morte da arte à constelação. O poema pós-utópico. In: \_\_\_\_\_. *O arco-íris branco: ensaios de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ática, 2006. Disponível em:  
<<http://ebooksgratis.com.br/livros-ebooks-gratis/tecnicos-e-cientificos/teoria-literaria-literatura-comparada-tania-franco-carvalhal>>. Acesso em: 01-2013.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 2007. Disponível em:  
<<http://www.youblisher.com/p/225343-LAJOLO-Marisa-ZILBERMAN-Regina-Literatura-Infantil-Brasileira>>. Acesso em: 01-2013.
- LEWICK, Gláucia. *Era mais uma vez outra vez*. São Paulo: Edições SM, 2007.
- LEWIS, Clive Staples. *As crônicas de Nárnia*. Volume único. Trad.: Paulo Mendes Campos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- LOBATO, Monteiro. *A chave do tamanho*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- SANT'ANNA, Afonso Romano. *Paródia, paráfrase e cia*. São Paulo: Ática, 2003. Disponível em:  
<<http://pt.scribd.com/doc/6180365/Affonso-Romano-de-SantAnna-Parodia-Parafrase-e-CIA-PDF-Rev#page=21>>. Acesso em: 01-2013.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad.: Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- VIEIRA, Alice. *Os olhos de Ana Marta*. Lisboa: Caminho, 1990.